



Ecossistema musical, resiliência e gerenciamento adaptativo

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO DE PESQUISA

SUBÁREA: Etnomusicologia

Thiago Costa de Souza
Universidade Federal da Paraíba
costathiago09@gmail.com

Resumo. Este trabalho pretende explorar os conceitos de ecossistemas musicais, resiliência e gerenciamento adaptativo que estão relacionados à sustentabilidade musical. Portanto, o objetivo desse estudo é compreender esses conceitos visando sua aplicabilidade para a análise e compreensão dos aspectos sustentáveis das manifestações musicais. Essa pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa de natureza básica com objetivo exploratório, tendo como principal procedimento a pesquisa bibliográfica para a formação de um referencial teórico para orientar reflexivamente e embasar de forma consistente os argumentos dessa pesquisa. Verificou-se que as características conceituais dos termos: ecossistema musical, resiliência e gerenciamento adaptativo podem ser úteis na análise e compreensão dos aspectos sustentáveis das manifestações musicais. Concluiu-se, portanto, que as possíveis contribuições residem na conscientização de que as manifestações musicais são ecossistemas e que estão intimamente ligadas ao ambiente que as cercam podendo reagir ou não às perturbações provenientes desse meio.

Palavras-chave. Ecossistemas musicais, Resiliência, Gerenciamento adaptativo, Música e Sustentabilidade.

Title. Music Ecosystem, Resilience and Adaptive Management

Abstract. This work intends to explore the concepts of musical ecosystems, resilience and adaptive management that are related to musical sustainability. Therefore, the objective of this study is to understand these concepts aiming their applicability for the analysis and understanding of the sustainable aspects of musical manifestations. This research is characterized by a qualitative approach of a basic nature with an exploratory objective, having as main procedure the bibliographic research for the formation of a theoretical reference to reflectively guide and consistently support the arguments of this research. It was found that the conceptual characteristics of the terms: musical ecosystem, resilience and adaptive management can be useful in the analysis and understanding of sustainable aspects of musical manifestations. It was concluded, therefore, that the possible contributions lie in the awareness that the musical manifestations are ecosystems and that they are intimately linked to the environment that surround them, being able to react or not to the disturbances coming from that environment.

Keywords. Music ecosystems, Resilience, Adaptive management, Music and Sustainability.



Este artigo pretende explorar os conceitos de ecossistemas musicais, resiliência e gerenciamento adaptativo e sua utilização como meio de compreensão e análise dos aspectos sustentáveis das manifestações musicais.

Apesar de algumas ações relacionadas à sustentabilidade como: documentação, arquivamento, salvaguarda, conservação, preservação, renovação e revitalização, já vem sendo empregada em alguma medida no campo da Etnomusicologia desde sua origem. No entanto, o termo sustentabilidade musical ainda é bastante recente nos estudos etnomusicológicos (TITON, 2015). Diante disso, dentro de uma perspectiva aplicada, a sustentabilidade musical, segundo Titon (2015, p. 158), “não faz referência direta à energia verde ou à economia do desenvolvimento, embora possa envolvê-los. Em vez disso, refere-se à capacidade de uma cultura musical de manter e desenvolver sua música agora e no futuro próximo”. Ou seja, em uma perspectiva mais ampla “um sistema sustentável é aquele em que o objetivo é a permanência alcançada através da utilização de recursos renováveis” (TITON, 2013, p. 9).

A partir disso, podemos compreender que os aspectos sustentáveis sugeridos por Titon (2015), como: manter e desenvolver estão mais diretamente ligados aos aspectos conservacionistas, pois segundo Hufford (1994), o termo conservação está mais ligado aos aspectos dinâmicos da cultura. De forma resumida, o olhar conservacionista propõe uma perspectiva de restauração e conservação do objeto estudado com o objetivo na continuidade da sua utilidade, diferente da preservação que objetiva manter o objeto como foi encontrado.

Nesse sentido, a perspectiva da sustentabilidade musical reconhece que as mudanças ambientais, políticas socioculturais e econômicas são inevitáveis, buscando assim, gerenciar essas mudanças para garantir integridade e continuidade das manifestações musicais no futuro. No entanto, o termo sustentabilidade assume um caráter de projeção futura, algo a ser alcançado, um objetivo, demandando assim outros conceitos para suprir a necessidade do meio ou caminho para alcançar esses objetivos. Diante disso, proponho o seguinte questionamento: Como os conceitos de ecossistema musical, resiliência e gerenciamento adaptativo podem ajudar no processo de compreensão e análise dos aspectos sustentáveis das manifestações musicais? Portanto, o objetivo desse estudo é compreender esses conceitos visando sua aplicabilidade para a análise e compreensão dos aspectos sustentáveis das manifestações musicais.

Essa pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa de natureza básica com objetivos exploratórios, tendo como principal procedimento a pesquisa bibliográfica para a formação de um referencial teórico para orientar reflexivamente e embasar de forma

consistente os argumentos dessa pesquisa. Acredito que, a partir desse estudo, seja possível compreender melhor as características dos conceitos: ecossistema musical, resiliência e gerenciamento adaptativo, assim como seus possíveis usos no processo de compreensão e análise dos aspectos sustentáveis das manifestações musicais.

Fazendo uma análise da literatura sobre sustentabilidade e música, podemos encontrar os estudos de Jeff Todd Titon, um pioneiro em etnomusicologia aplicada e um dos principais autores que discute as abordagens ecológicas para a sustentabilidade musical e cultural. Segundo Titon (2015), os etnomusicólogos são conservacionistas, pois atuam não somente preservando, mas também transmitindo conhecimento musical e, no caso da etnomusicologia aplicada, intervindo para a manutenção do fazer musical. Outro importante autor que traz uma abordagem ecológica em seus estudos sobre música é Huib Schippers. Segundo Schippers (2015), esse pensamento ecológico da cultura musical foi provavelmente empregado pela primeira vez por “Daniel Neuman (1980) [...] Slobin (1996) para música da Europa Central e Oriental, Ramnarine (2003) para música folclórica finlandesa, Sheehy (2006) para música mexicana Mariachi e Howard (2006a, 2006b) para música coreana, para citar apenas alguns”. (SCHIPPERS, 2015, p.135).

Ecossistema musical

Segundo Schippers (2015) um termo que ajuda a pensar a sustentabilidade musical é descrito por ele como “ecossistema musical”. O termo “ecossistema” foi introduzido por A. G. Tansley (1935) e tem como princípio olhar para o organismo complexo interagindo com fatores físicos mais amplos e complexos que formam o ambiente ou o bioma. Nesse sentido, não se pode separar o organismo do ambiente. Diante disso, Schippers define um Ecossistema musical como:

Todo o sistema, incluindo não apenas um gênero musical específico, mas também o complexo de fatores que definem a gênese, o desenvolvimento e a sustentabilidade da cultura musical circundante no sentido mais amplo, incluindo (mas não se limitando a) o papel de indivíduos, comunidades, valores e atitudes, processos de aprendizagem, contextos para fazer música, infraestrutura e organizações, direitos e regulamentos, diáspora e viagens, mídia e indústria musical. (SCHIPPERS, 2015, p.137, after de TANSLEY, 1935, p. 298)

Outro aspecto importante está no entendimento de que o ser humano faz parte da natureza e suas ações e produções sociais, culturais, políticas e econômicas estão intimamente ligados a ela. Nesse sentido, a música produzida pelo ser humano também faz parte dessa complexa relação ambiental, pois o ser humano depende do meio ambiente natural não só no

sentido da utilização de recursos naturais para a sobrevivência, produção e viabilização do fazer musical, mas também como referência simbólica na construção de cosmovisões necessárias para a sua manutenção. Além disso, ao contrário do senso comum, a natureza não está se movendo naturalmente para uma estabilidade constante, mas se equilibrando temporariamente entre perturbações.

A outra vertente é pragmática e é representada por ecologistas de ecossistemas contemporâneos que pensam na natureza como um sistema complexo que se move de uma perturbação ambiental para a próxima, cada uma seguida por uma mudança de regime e um equilíbrio temporário que pode ser mais ou menos desejável do que o anterior. Não existe uma tendência “natural” de se mover em direção a um estado de equilíbrio dinâmico ótimo e clímax. O ser humano ainda é parte integrante da natureza, mas a natureza também pode ser avaliada em termos dos “serviços” ou benefícios que os ecossistemas oferecem à humanidade. Para tanto, os ecossistemas são gerenciados para se movimentarem em direções mais desejáveis e, quando alcançados, são sustentados na medida do possível por meio de estratégias de resiliência. (TITON, 2020, p. 192)

Portanto, podemos entender o ecossistema musical como uma rede complexa de indivíduos interagindo entre si e entre processos sociais, históricos, culturais, econômicos e físicos do ambiente. Isto aponta para a ideia de uma compreensão contextual, holística e multidisciplinar, enfatizado por Nketia em seu artigo *The Problem of Meaning in African Music* publicado em 1962. Dessa forma é possível utilizar o conceito de ecossistema musical como uma ferramenta para descrever o habitat de uma determinada cultura musical.

Para além do uso como uma ferramenta descritiva, a compreensão ecológica das manifestações musicais, através do conceito de ecossistema, poderá ajudar a projetar ações e políticas públicas mais consistentes voltadas para a sua manutenção. Nesse sentido, segundo Schippers (2015, p. 138), para uma prática musical ser sustentável, é necessário à união de pelo menos alguns destes elementos: “processos de transmissão robustos, fortes vínculos na comunidade, prestígio, configurações adequadas e infraestrutura para praticar a música, mídia de apoio, uma indústria musical engajada e leis e regulamentos que não impedem negativamente o gênero”.

Se a música é considerada um recurso biocultural renovável, o discurso atual em torno da sustentabilidade contribui para formas de pensar a música e as políticas culturais. Vinda principalmente de economistas desenvolvimentistas e ecologistas da conservação, a sustentabilidade fornece uma estrutura teórica e prática para a etnomusicologia aplicada. (TITON, 2009a, p. 5)

Essa estrutura teórica que pode ser fornecida pela sustentabilidade através de um pensamento ecológico sobre o conceito de ecossistema da música e as discussões em torno dela pode contribuir para aprofundar debates em questões como: a administração dos recursos musicais, patrimônio imaterial, circulação da música, preservação e revitalização, transmissão dos saberes e educação musical formal, relacionamento entre agentes culturais e líderes comunitários, entre pesquisador e pesquisado, e a interação entre manifestações musicais, turismo e economia. Nessa perspectiva, Titon afirma que:

As tentativas de preservar a música como patrimônio cultural colocaram etnomusicólogos e folcloristas públicos em uma postura defensiva de salvaguardar os bens de propriedade. Ao apoiar a conservação desses ativos com o comércio turístico, a gestão do patrimônio está condenada ao paradoxo de construir autenticações encenadas com a música tratada como mercadoria de mercado. Em vez disso, as melhores práticas surgem de parcerias entre etnomusicólogos, folcloristas e membros da cultura musical (líderes comunitários, acadêmicos e músicos), com intervenções de sustentabilidade direcionadas diretamente às culturas musicais. Esses esforços devem ser guiados por princípios extraídos da ecologia, não da economia; e, especificamente, por quatro princípios da nova ecologia da conservação - diversidade, limites para o crescimento, interconexão e administração. (TITON, 2009b, p. 119)

Pensar a manifestação musical como um ecossistema poderá nos ajudar a entender o processo sustentável de uma cultura musical analisando e gerenciando seu bioma. Nesse sentido, Titon (2009b, p. 124) afirma que “obras-primas do patrimônio vivo são mais bem mantidos gerenciando o solo cultural que os cerca”.

Resiliência

Segundo Pickett et al. (1989, p. 129) “qualquer objeto ecológico persistente terá uma estrutura mínima, ou sistema de entidades de nível inferior que permitem sua persistência”. Nesse sentido, Titon (2015, p. 192) afirma que “na medida em que as culturas musicais são sistemas, elas também exibem resiliência em maior ou menor grau”. A partir dessas reflexões, podemos conceber dois aspectos importantes que podem ocorrer em um ecossistema musical: a resistência e a resiliência. A resistência é a capacidade de um dado sistema de manter sua estrutura, identidade e integridade durante e após sofrer uma ação ou perturbação, isto é, a capacidade de resistir à ação de outro corpo. Já a resiliência, um dos termos empregados recentemente pela etnomusicologia, é a capacidade de recuperação ou reestruturação da integridade, identidade ou continuidade de um determinado sistema após sofrer perturbações, modificando temporariamente sua estrutura.

Entendendo o termo perturbação como “uma mudança na estrutura mínima de um objeto causada por um fator externo” (PICKETT et al. 1989, p. 129), para compreender os fatores que a perturbam é necessário o reconhecimento dessa estrutura mínima de um dado sistema ecológico, além de identificar o objeto perturbado e distinguir as mudanças que são provenientes da perturbação e os que não são e suas consequências diretas e indiretas.

De forma mais simples, utilizando um carro como exemplo, o chassi do carro, uma peça mais robusta a qual se encaixam as demais peças e que é capaz de resistir a vários impactos, assume um papel de estrutura mínima e ao mesmo tempo resistente. Já a resiliência funciona como um sistema de amortecimento, como molas que se modificam ao sofrer os impactos, porém retorna-se a um estado desejado. Nesse exemplo de sistema, a resiliência ameniza o impacto da perturbação proveniente do meio. Diante disso, podemos também analisar as estruturas das manifestações musicais, observando e se questionando sobre quais são suas estruturas mínimas, resistentes e permanentes, e quais são os aspectos resilientes formados e empregados por elas a partir dos momentos de perturbações.

Gerenciamento adaptativo

O termo gerenciamento adaptativo pode ser entendido como um planejamento e controle das ações que antecipam ou reagem às mudanças circunstanciais sofridas no momento das perturbações. Segundo Norton (2005, p. 92), o gerenciamento adaptativo pode ser entendido como um conjunto de ações compromissadas em “compreender, justificar e implementar políticas que afetam o meio ambiente”, e que pode ser definido a partir de três princípios norteadores:

1. Experimentalismo. Os gerentes adaptativos enfatizam o experimentalismo, tomando ações capazes de reduzir a incerteza no futuro;
2. Análise multiescalar. Gestores adaptáveis entendem, modelam e monitoram sistemas naturais em múltiplas escalas de espaço e tempo;
3. Sensibilidade ao lugar. Os gestores adaptativos adotam os lugares locais, entendidos como lugares geográficos de ocupação humana, como a perspectiva a partir da qual se orienta a gestão multiescalar. (NORTON, 2005, p.92)

O experimentalismo pode ser compreendido como um método que usa constantemente as experiências individuais e grupais para reduzir as incertezas e ajustar os objetivos. Dessa forma, as metas e objetivos são flexíveis e estão abertos a alterações, gerando assim um processo de aprimoramento à medida que mais experiências são utilizadas.

Para compreender os problemas, propor mudanças e minimizar os riscos nas escolhas provenientes do experimentalismo, a gestão adaptativa busca compreender os desdobramentos

em múltiplas escalas de tempo e espaço, analisando os efeitos não somente de forma individual e imediata, mas em escalas maiores de tempo como décadas ou gerações. Dessa forma a análise multiescalar se comporta também como um aparato para o acompanhamento das consequências sistemáticas das nossas ações.

O localismo, que compreende a terceira característica do gerenciamento adaptativo, busca entender os problemas a partir do seu contexto particular, enfatizando, em primeiro plano, o seu aspecto local, pois as ações humanas estão envolvidas e motivadas por valores sociais, mas isso não excluem as iterações e interferências dos sistemas regionais e globais. No entanto, para uma perspectiva de análise em sistema multiescalar, é importante compreender o ponto de vista da comunidade local, pois é a partir desse olhar sobre os comportamentos e valores desse local, que podemos determinar, de forma mais clara, as metas que nortearão essas investigações.

Outros aspectos importantes estão no sujeito, pois quem observa, analisa, seleciona e propõe mudanças, também está localizado em um espaço-tempo dentro de um sistema ambiental que pode ser ou não o mesmo observado. De acordo com Norton (2005), as ações provenientes do comportamento dos indivíduos ou do grupo que foram praticadas terão, por consequência, no mínimo dois resultados: a sobrevivência ou a destruição. Nesse sentido, Norton (2005, p. 98) afirma que as práticas são consideradas sustentáveis quando: “Um conjunto de comportamentos é, portanto, entendido como sustentável se e somente se a prática na geração M não reduzir a razão de oportunidades para restrições que serão encontradas pelos indivíduos nas gerações subsequentes N, O, P”. Nesse sentido o gerenciamento adaptativo reconhece as incertezas e busca responder as mudanças e perturbações através da experimentação pautada em uma análise multiescalar de tempo e espaço que parte de valores de um determinado local, objetivando manter, restaurar ou estabelecer regimes desejados que contemplem as gerações futuras.

Vale ressaltar que, diferente do processo de salvaguardar sugerida pela UNESCO (2003) que pressupõe tomar medidas após a ocorrência de perturbações, no sentido de proteger, geralmente através de ações pensadas por agentes externos àquele meio, a resiliência parte de quem está dentro do grupo e do processo, e requer deles um gerenciamento adaptativo. Portanto, é importante ressaltar o protagonismo das pessoas que fazem a tradição: os mestre/as; os músicos e comunidades locais, como agentes do próprio gerenciamento adaptativo, ficando a cargo das políticas públicas apenas promover a tradição a partir das ações dos próprios grupos. Segundo (Titon, 2015, p. 158) “O gerenciamento adaptativo está

conseguindo fortalecer a resiliência e diminuindo a vulnerabilidade em grupos sociais que enfrentam mudanças indesejáveis e em indivíduos enfrentando estresse e trauma”.

A pandemia de covid-19 e os efeitos mais proeminentes das mudanças climáticas, recentemente trouxeram várias reflexões sobre essa relação entre ser humano, sociedade, produção, consumo e o meio ambiente. Além de trazer à tona de forma mais evidente as relações econômicas de trabalho e principalmente a desigualdade social local e global.

A velocidade de disseminação dessa doença nos mostrou o quanto estamos intimamente ligados biologicamente de forma global. Também mostrou o quanto os governos e instituições internacionais estão despreparados para lidar com esses problemas e o quanto necessitamos desses agentes.

A 26ª Conferência das Partes (COP26) produzida pela Convenção da Federação das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC) realizada em novembro de 2021 na Escócia, nos mostrou os conflitos de interesses ao mitigar e postergar medidas mais duras para o Acordo de Paris de limitar o aquecimento global (PASSARINHO, 2021). Ao ignorar as vozes das manifestações externas e a acusação dos países pobres sobre a cobrança de resultados vindos dos países ricos sem destinarem recursos suficientes para isso, nos mostra o quanto esses acordos e objetivos são frágeis.

Trazendo o foco para as manifestações musicais populares do nosso país, a covid-19, o isolamento social que ela produziu e o descaso e despreparo dos Agentes Públicos, levou vários mestres, líderes e agentes da cultura popular a gerenciar essas mudanças, principalmente no que diz respeito à dinâmica da performance que em muitos casos, foi reconfigurado e transmitidos em forma de *lives* em redes sociais. Além disso, muitos mestres/as idosos foram levados precocemente pela covid, levando consigo saberes populares importantes ainda não repassados para as novas gerações, pessoas que muitas vezes são centrais ou importantes na manutenção das culturas musicais populares. Nesses casos, a covid, o isolamento social e os problemas econômicos proveniente disso, assumiram um papel de perturbação desses ecossistemas musicais e isso demandou, ou ainda demanda, um gerenciamento adaptativo para contornar essas mudanças, gerando assim aspectos resilientes na forma e na atuação desses grupos. Portanto, é importante observar quais elementos sofreram transformações temporárias ou permanentes, quais permaneceram inalterados e quais aspectos resilientes foram formados durante esse processo de inflexão.

Conclusão

É importante ressaltar que essa relação entre ser humano e natureza de forma segmentada e historicamente construída pela sociedade ocidental deve ser revista, pois o humano é parte integrante da natureza.

As características conceituais dos termos ecossistemas musicais, resiliência e gerenciamento adaptativo podem ser úteis na análise e compreensão dos aspectos sustentáveis das manifestações musicais. Isso envolve compreender não somente a origem e o desenvolvimento, mas também a complexidade de fatores envolvidos na manutenção da cultura musical como: processos de aprendizagem, religiosidade, organização e infraestrutura, políticas públicas, mídia, indústria musical e principalmente o papel dos indivíduos e da comunidade que forma essa manifestação, buscando entender seus valores, atitudes e funções na continuidade da tradição e, ao mesmo tempo, observando os fatores de mudanças socioculturais, políticas e econômicas que ocorreram e que afetam essa manifestação.

A possível contribuição que esse estudo deixará para o campo da etnomusicologia no Brasil, e para os futuros trabalhos, está na conscientização de que as manifestações musicais podem ser compreendidas como ecossistemas e que estão intimamente ligadas ao ambiente que as cercam podendo reagir ou não a perturbações provenientes desse meio. Dessa forma, este estudo pretende servir como apoio reflexivo para etnomusicólogos aplicados no gerenciamento de culturas musicais fragilizadas.

Referências

- HUFFORD, Mary (ed). *Conserving Culture: A New Discourse on Heritage*. Champaign: University of Illinois Press. 1994. 272 p.
- NKETIA, J. H. Kwabena. *The Problem of Meaning in African Music*. *Ethnomusicology*, Vol. 6, No. 1, p. 1-7, 1962. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/924242>. Acesso em: 02 out. 2021.
- NORTON, Bryan G.. *Sustainability: A Philosophy of Adaptive Ecosystem Management*. Chicago: The University of Chicago Press. 2005. 607 p.
- PASSARINHO, Nathalia. COP26: países em desenvolvimento acusam nações ricas de cobrar resultados sem entregar dinheiro. *BBC News Brasil*, Glasgow, 12 nov. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-59257035>. Acesso em: 21 nov. 2021.
- PICKETT, S. T. A.; KOLASA, J.; ARMESTO, J. J.; Collins, S. L. *The ecological concept of disturbance and its expression at various hierarchical levels*. Vol. 54, No. 2. Nova Jersey: Wiley on behalf of Nordic Society Oikos, 1989, p. 129 – 136.
- SCHIPPER, Huib. Applied Ethnomusicology and Intangible Cultural Heritage: Understanding “Ecosystems of Music” as a Tool for Sustainability. In: PETTAN, Svanibor;

TITON, Jeff Todd (Ed). *The Oxford handbook of applied ethnomusicology*. New York: Oxford University Press, 2015. Cap 4.

TANSLEY, Arthur George. The Use and Abuse of Vegetational Concepts and Terms. In: *Ecology*. No. 3. Vol.16. 1935. p. 284-307. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1930070>. Acesso em: 10 out. 2020.

TITON, Jeff Todd. Economy, Ecology, and Music: An Introduction. In: TITON, Jeff Todd (Ed). *The World of Music, Bamberga: VWB*, Vol. 51, No. 1, 2009a. p. 5-15.

TITON, Jeff Todd. Music Ecology, Ecosophy and Ecosystem Services. *Sustainable Music: A Research Blog on The Subject of Sustainability, Sound and Music*. Maine, 30 nov. blogspot: Sustainable Music. 2020. Disponível em: <https://sustainablemusic.blogspot.com/2020/11/music-ecology-ecosophy-and-ecosystem.html>. Acesso em: 2 dez. 2020.

TITON, Jeff Todd. Music and Sustainability: An Ecological Viewpoint. In: TITON, Jeff Todd (Ed). *The World of Music, Bamberga: VWB*, Vol. 51, No. 1, 2009b. p. 119-137.

TITON, Jeff Todd. Sustainability, Resilience, and Adaptive Management for Applied Ethnomusicology. In: PETTAN, Svanibor; TITON, Jeff Todd (Ed). *The Oxford handbook of applied ethnomusicology*. New York: Oxford University Press, 2015. Cap5.

TITON, Jeff Todd. The Nature of Ecomusicology. *Música e Cultura: Revista da Associação Brasileira de Etnomusicologia*, v. 8, n. 1, p. 8-18, 2013. Disponível em: <http://www.abet.mus.br/musicaecultura/>. Acesso em: 01 jul. 2020.

UNESCO. *Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial*. Paris: 2003. Disponível em: <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.